



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS CURSO
DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

WALBER MIRANDA MOTA

**A CORPOREIDADE NA VISÃO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA NO
MARAJÓ DAS FLORESTAS**

BREVES-PA
2022

WALBER MIRANDA MOTA

**A CORPOREIDADE NA VISÃO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA NO
MARAJÓ DAS FLORESTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M917c Mota, Walber Miranda.
A corporeidade na visão de professores em uma escola no marajó das
florestas / Walber Miranda Mota. — 2022.
21 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2022.

1. Corporeidade. 2. Docentes. 3. Educação infantil. I. Título.

CDD 370.1109811

RESUMO

Contemporaneamente o olhar sobre o corpo vem mudando de acordo com a evolução humana. Porém, muitas questões como a corporeidade ainda são vistos de forma bastante preconceituosa, inclusive no meio educacional onde o corpo deveria ser valorizado de forma irrestrita. Portanto, se faz necessário incluir o corpo aproveitando todas as suas potencialidades em contribuição para o melhor desenvolvimento da corporeidade infantil e consequentemente da aprendizagem. O presente trabalho objetivou analisar os principais fatores que estão relacionados com as vantagens do ato de se trabalhar corporeidade na educação, bem como, identificar qual o olhar dos professores sobre o corpo, entender sobre as dificuldades de se trabalhar o corpo pedagogicamente e destacar a importância de se trabalhar a corporeidade na educação. Na pesquisa utilizou-se, o estudo de campo e pesquisa bibliográfica, tendo como principais teóricos, Gualberto (2017), Freire e Dantas (2012). O referido estudo aponta que mesmo a pesquisa bibliográfica revelando a importância do corpo para a educação, alguns professores ainda percebem que esse é um trabalho direcionado a arte ou a educação física, há dificuldades em trabalhar o corpo em sala de aula e buscar meios para estarem possibilitando seu melhor desenvolvimento, pois, não se tem a compreensão da diferença entre o que é corpo e a corporeidade.

Palavras-chave: Corporeidade. Docentes. Educação Infantil.

ABSTRACT

In contemporary times, perspectives on the body have evolved alongside human development. However, issues such as corporeality are still often viewed through a prejudiced lens—even within the educational sphere, where the body ought to be fully valued. Therefore, it is essential to incorporate the body—leveraging its full potential—to foster better development of children's corporeality and, consequently, their learning. This study aimed to analyze the key factors associated with the benefits of addressing corporeality in education, as well as to identify teachers' perspectives on the body, understand the challenges of working with the body pedagogically, and highlight the importance of addressing corporeality in an educational setting. The research employed both fieldwork and a literature review, drawing primarily on the work of Gualberto (2017) and Freire and Dantas (2012). The study indicates that, although the literature highlights the importance of the body in education, some teachers still perceive this as a task reserved for art or physical education classes; they face difficulties in addressing the body in the classroom and finding ways to facilitate its optimal development, largely due to a lack of understanding regarding the distinction between the physical body and corporeality.

Keywords: Corporeality. Teachers. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	O LUGAR DO CORPO NA EDUCAÇÃO.....	08
3	A MANIFESTAÇÃO DA CORPOREIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES EM UMA CIDADE NO MARAJÓ	10
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Hodiernamente, o corpo vem ganhando cada vez mais destaque diante da sua importante significatividade para a educação e para o desenvolvimento infantil. Nesse contexto, vale lembrar que por muito tempo o corpo foi desconsiderado de forma errônea por desconhecimento de seu real valor e isso contribuiu para que o excluísse, limitando suas potencialidades, principalmente no ensino. Contudo, é preciso trabalhar para que o corpo assuma sua posição de destaque e esteja verdadeiramente incluído e pedagogicamente reconhecido como indispensável para o processo de ensino e a construção das aprendizagens.

Como nos assegura Toledo (2018), pode-se dizer que o corpo é um fator de relação mútua, ou seja, é o elo entre o ser e o aprendizado. Neste contexto, fica claro que o corpo possui um papel de muita expressividade na educação. Não é exagero afirmar que o corpo é historicamente um reflexo social e sua ligação com o mundo revela-se através da corporeidade. Dessa forma, é importante que, no ambiente escolar, se possa considerar o corpo integralmente sem modela-lo ou distancia-lo de sua corporeidade em todos os seus contextos. Contudo, o corpo não pode continuar sendo tratado como um mero meio material, mas sim, cheio de vida e de manifestações significativas.

De forma geral, o corpo como objeto pedagógico deve buscar atrelar as necessidades de desenvolvimento da criança com os objetivos educacionais de forma que se considere a corporeidade como sendo indispensável para a aprendizagem. Nesse sentido, é importante destacar que pelo fato de o corpo está o tempo todo se movimentando para diversos ambientes, dentro ou fora da escola, o aprendizado também acontece de forma constante. Portanto, nunca se deve cogitar a separação do corpo com a mente, até porque isso não acontece de fato. Sendo assim, considerar a corporeidade ao educar crianças pode possibilitar com que ela aprenda e evolua muito mais como ser humano, além de ser oportunizada a excitar suas múltiplas capacidades.

Diante das problemáticas contemporâneas sobre o lugar do corpo na educação, se torna difícil compreender o motivo de tanta repulsão por parte de professores e instituições em trabalhar a corporeidade que comprovadamente é essencial para um desenvolvimento infantil mais efetivo. Dessa forma, buscamos estudar a importância pedagógica do corpo, com ênfase para a corporeidade, como instrumento para o melhor desenvolvimento da criança, e para dar conta dessa compreensão, procuramos reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: **Na Educação Infantil está sendo pensado, o**

corpo, como sendo um elemento de comunicação, desenvolvimento e conseqüentemente de aprendizagem?

Conforme verificado em João e Brito (2004), a corporeidade facilita o entendimento com relação ao ser humano. Trata-se inegavelmente que o corpo é a própria impressão digital de cada pessoa e que a corporeidade é a expressão de suas identidades. Assim, reveste-se de particular importância se considerar cada uma das dimensões (física, emocional-afetiva, mental-espiritual e sócio-histórico-cultural) do corpo, compreendendo-o como sendo singular e não como algo fragmentado. Sob essa ótica, o autor deixa claro, que ganha particular relevância se considerar o indivíduo em sua totalidade.

O objetivo geral do presente trabalho foi analisar os principais fatores que estão relacionados com as vantagens do ato de se trabalhar corporeidade na educação infantil. Isso porque ainda é muito perceptível o preconceito sobre o corpo mesmo que no meio educacional onde este deveria ser estimado com benefício para o aprendiz. Para isso é preciso identificar qual o olhar dos professores sobre o corpo, entender de forma mais abrangente sobre as dificuldades de se trabalhar o corpo pedagogicamente e destacar a importância de se trabalhar a corporeidade na educação.

Diante das intempéries dos dias de hoje, um fator que permanece em evidência é a importância do corpo na educação escolar das crianças. É a corporeidade que se apresenta como uma das principais ferramentas responsável por um melhor e mais completo desenvolvimento motor e intelectual infantil, a ponto de propiciar uma mais significativa evolução infantil em consonância com os objetivos educacionais, gerando menores conflitos internos e possibilitando maiores resultados no presente e para o futuro do educando. Até porque, a reunião de informações consistentes sobre o assunto estudado pode também, difundir informações valiosas para o aprimoramento profissional do pedagogo em prol da qualidade no desenvolvimento da criança.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi empregada a abordagem qualitativa que é uma metodologia de caráter exploratório e que de acordo com Ludke e André (1986), a coleta de dados envolve a observação, a entrevista e a pesquisa ou análise documental. E para dar conta dos objetivos propostos utilizou-se a pesquisa bibliográfica que se caracteriza pelo “levantamento da bibliografia referente ao assunto que se deseja estudar (MEDEIROS, 2009, p. 36)”, conjuntamente com a pesquisa de campo que de acordo com Gonsalves (2001, p.67), “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto”. Contudo, “A entrevista como

forma de coleta de dados exige o estabelecimento de quesitos ou perguntas perfeitamente adequadas aos objetivos propostos (SANTOS; FILHO, 2012, p. 88)”.

Os dados serão coletados por meio de livros, artigos e teses cientificamente aceitos, e em entrevista com 3 (três) professores/as que atuam na Educação Infantil no município de Melgaço - Pará. A entrevista tem como vantagens a coleta de informações ricas e pessoais, o que nos ajuda a refletir sobre o tema e a outros estudiosos a dar continuidade a essa pesquisa ou a outras que tenham interesse na sua continuação.

2 O LUGAR DO CORPO NA EDUCAÇÃO

O corpo é o primeiro instrumento de aprendizagem sobre nós mesmos. É nossa primitiva fonte de conhecimento. Sendo assim, quanto mais se conhece sobre o corpo maior será o desenvolvimento do mesmo. Portanto, é através de todos os sentidos que se percebe o corpo e se lê o mundo. Nesse contexto, é salientado por Gualberto (2017), que o pensar, o sentir e o agir são ampliados diante da visão de corpo integrado na totalidade humana. Gualberto (2017, p. 27), também destaca que a “corporeidade cumpre um papel significativo na formação humana, no sentido de buscar conhecer, perceber, viver e interpretar a existência”.

Para Freire e Dantas (2012) o corpo vem sendo visto de forma diferenciada, ou seja, a sua complexidade vem ganhando destaque. Neste contexto, fica claro que também é função da escola dar ao corpo o seu devido valor e reconhecimento de toda sua significatividade dando ênfase a sua corporeidade dentro de cada contexto ao qual faz parte. O mais preocupante, contudo, é constatar que, devido aos preconceitos contemporâneos sobre o corpo a corporeidade ainda é considerada como algo pejorativo e insignificante para a educação. Não é exagero afirmar que diante de toda as marcas históricas, considerado como fruto do pecado, o corpo culturalmente é alvo de difamação e incredulidade.

Diante de tudo, Gualberto, adotando como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dissemina que:

[...] o corpo em contato com o mundo é visto como fundamental na construção de sentidos das crianças, pois por meio do gesto, olhar, sensação, tato, deslocamento, jogo, marcha, saltos, as crianças expressam-se, percebem, interagem, emocionam-se, reconhecem sensações, brincam, habitam espaços e neles se localizam, construindo conhecimento de si e do mundo. (GUALBERTO, 2017, p. 16).

O autor deixa claro na citação acima que o contato do corpo com o mundo é essencial para o desenvolvimento da criança e de suas percepções sobre ele. Portanto, o corpo sempre foi um produto do conhecimento e por isso merece seu destaque como sendo uma ferramenta fundamental para ser considerado dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Conforme explicado acima, é interessante, aliás, afirmar que nem sempre o olhar sobre o lugar do corpo na educação foi tão satisfatório como nos tempos atuais, mas é preocupante o fato de que dentro do processo educativo o corpo ainda é visto por muitos como um simples acessório. Mesmo assim, não parece haver razão para que se deixe de tentar outras portas, já semiabertas devido às novas formas de se pensar a educação com destaque para atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Portanto, é sinal de que há, enfim, um caminho sendo trilhado com maiores chances de êxito.

Conforme verificado por Nóbrega (2005), desde as civilizações mais antigas o corpo era dotado de regras que o limitavam como o ato de se vestir. Assim, reveste-se de particular importância o fato de que esses preconceitos sobre o corpo e sua corporeidade passaram a fazer parte dos livros didáticos. Mas, com o passar dos tempos, com os avanços da sociedade, muitas mudanças vem ocorrendo nessas medidas. Sob essa ótica, ganha particular relevância o fato de que o corpo e sua corporeidade passam a ganhar destaque no meio educacional. Contudo, o autor deixa claro, que apesar de ganhar valor dentro do processo educacional, o corpo ainda é considerado como acessório.

De acordo com Gualberto (2017, p.128), “o corpo na escola tem sido aprisionado e modelado” prejudicando o desenvolvimento e a valorização do mesmo devido toda a limitação existente. Neste contexto, conforme mencionado pelo autor, fica claro que isso pode gerar certos problemas de comportamentos indesejados, como a indisciplina, que é uma tentativa de fugir desse controle. O mais preocupante, segundo Freire e Dantas (2012, p. 152), é constatar que “o corpo é um campo aberto gerador de conhecimentos” que ainda precisa ser reconhecido e de fato lapidado para que assim ocupe seu lugar de destaque em todas as áreas da educação.

Segundo Gualberto (2017), pode-se dizer que a escola é o espaço mais apropriado para o desenvolvimento educacional infantil e por isso as ferramentas utilizadas pedagogicamente devem valorizar todas as potencialidades do corpo, respeitando e dando ênfase a sua corporeidade. Neste contexto, conforme explicado acima, fica claro que as instituições de educação infantil e seus profissionais são capazes de exercitar a melhor educação possível das crianças contribuindo para seu absoluto desenvolvimento, por exemplo, ampliando suas múltiplas capacidades para que consiga desempenhar com perfeição cada um

de seus papéis sociais.

Toledo (2018, p. 28) define que:

O que se quer dizer com tudo isto é que, diante desses poderes há atitudes a serem tomadas. E, pensando novamente na escola, este pode ser um espaço privilegiado para formar corpos úteis não ao trabalho apenas, mas à luta por condições melhores. Mentes que não sejam “depósitos” de saberes específicos, mas que sejam dotadas de corpo, criticidade, para não serem fabricadas, como objetos. Enfim, que a educação seja um estímulo à criação, não à reprodução; que seja instrumento na formação de indivíduos autônomos que saibam reconhecer e exigir respeito por seus próprios valores, suas opiniões. Há conteúdos e valores importantes para serem ensinados nas escolas, mas estes não podem ser a única base para o ensino, sob o risco de educarmos alunos passivos, sem consciência política, sem autonomia. Há que se reconhecer a existência de diferentes culturas, políticas e práticas, que por suas particularidades não deixam de ter sua importância e seu valor.

O autor deixa claro na citação acima que a escola é um lugar privilegiado e por isso tem todo o “poder” para incluir o corpo juntamente com todas as suas particularidades como, por exemplo, toda a bagagem histórica que trás ao longo dos anos, ou seja, sem segregação. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto, uma vez que, uma pequena falha pode comprometer na formação educacional do indivíduo. Conforme citado acima a única forma conhecida de resolver esse problema é através da conscientização dos profissionais da educação para que pensem, desenvolvam e pratiquem metodologias que valorizem a corporeidade em contribuição para uma aprendizagem mais significativa.

Esses dados revelam muito mais do que uma simples tendência em se colocar o corpo como destaque na educação, mas sim, uma necessidade urgente, pois, “o corpo é um instrumento de comunicação e [...] poderá estabelecer [...] a compreensão da realidade” (FERRAZ, 1996, p. 17). Fica evidente, diante desses fatos que quando se coloca o corpo como instrumento pedagógico o aprendizado é bem mais consistente. Espera-se, dessa forma, que a expressão do corpo, ou seja, que a corporeidade e todos os seus significados sejam considerados em benefício da educação.

3 A MANIFESTAÇÃO DA CORPOREIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES EM UMA CIDADE NO MARAJÓ

Para compreender as representações ou significados que a corporeidade tem para os professores na Educação Infantil, em uma escola no Marajó, tendo em vista os estudos apresentados nesse artigo, sobre a importância da corporeidade nas práticas educativas,

entrevistamos 03 (três) professores atuantes, formados em Pedagogia (Professores B e C) e em Educação Física (Professor A).

O **Professor A**, tem 35 (trinta e cinco), formação em Educação Física e já atua a 05 (cinco) anos na Educação Infantil. A **Professora B**, tem 43 (quarenta e três) anos, formação em Pedagogia e atua a 10 (dez) anos na Educação Infantil. Já o **Professor C**, tem 52 (cinquenta e dois) anos, formação em Pedagogia e trabalhou na gestão por 06 (seis) anos, mas, faz 10 (dez) anos que atua na Educação Infantil. A primeira pergunta foi sobre a forma, a maneira que o corpo é pensado e trabalhado na sua sala de aula, tendo em vista que ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo.

O **Professor A** falou das limitações que se tem para trabalhar o corpo, mas enfatizou a sua compreensão sobre pensar o corpo sem divisões, como totalidade. Assim ele expressou:

[...] Diferente do que muitos colegas podem pensar, como educador físico, penso o corpo pedagogicamente de maneira que seu desenvolvimento potencialize não somente o físico, mas sim sua totalidade. A grande barreira está na falta de recursos, espaços físicos adequados e mais tempo para se trabalhar pelo menos o mínimo do que é necessário... Na maioria das vezes desenvolvemos atividades esportivas em algum período do ano e nada mais, como se fosse um simples ato de brincar. (PROFESSOR A, entrevista em 2021).

O **Professor A**, demonstra compreender o corpo como totalidade, aproximando-se da fenomenologia de Merleau Ponty (1996) e das discussões feitas por López-Lopez e Galdino (2020), quando tratam da potência do corpo e da corporeidade nas práticas e vivências educativas. Para elas “devemos entender o corpo e a mente como uma unidade dentro de um organismo vivo, em que o movimento é um elo intrínseco entre o mundo interno e externo de cada ser” (LÓPEZ-LOPEZ E GALDINO, 2020, p. 134), por isso fala-se da importância de se potencializar esse corpo em sua complexidade.

Mas também o professor fala das dificuldades enfrentadas para que o trabalho pedagógico não se limite a pensar o aluno – ser em construção, como se só a cabeça chegasse à escola. Sem espaços adequados, tendo apenas a sala de aula como local para a formação da criança. Faz-se necessário lembrar que “quando este corpo é anulado, valorizando-se somente o intelecto por suas vias cognitivas, todo o resto é perdido, o que empobrece todo tipo de existência” (LÓPEZ-LOPEZ E GALDINO, 2020, p. 134). Nesse sentido fica o questionamento: - que sentido teria a escola na formação do aluno, se não lhe oportuniza condições de ser por inteiro? São perguntas que precisam fazer parte do cotidiano da escola.

A **Professora B** falou que ao longo dos seus 10 anos de trabalho, adquiriu conhecimentos teóricos e práticos que lhe fizeram compreender que é através do corpo que

temos o primeiro contato com o mundo, por isso é que seu desenvolvimento é essencial em todos os aspectos. Ela enfatizou que procura trabalhar com danças, pinturas, brincadeiras, ou seja, tudo aquilo que contribua para o melhor desenvolvimento da criança.

O **Professor C**, afirmou que as atividades desenvolvidas pela instituição são organizadas de acordo com os objetivos pedagógicos a serem alcançados e assim ele diz:

É importante destacar que o corpo precisa ser desenvolvido, porém, se deve ter certos cuidados para que não se ultrapasse os limites pedagógicos. Sempre utilizo recursos que propiciem o desenvolvimento da leitura, da escrita e etc... Usamos também outros artifícios como a narração e contação de histórias, já as brincadeiras de bola e de correr, ficam mais por conta do professor de Educação Física (PROFESSOR C em entrevista, 2021).

Diante do que apresentaram os professores, é possível perceber que ainda estamos em processo de aceitação do corpo e que também é muito presente o pensamento de que trabalhar o corpo é algo exclusivo do Professor de Educação Física. “De modo geral, essa compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante.” (NOBREGA, 2005, p. 605). Contudo, o ensino deve ser inclusivo e não uma barreira limitante em que a criança é proibida de se expressar através do corpo. Quando se pensa em não ultrapassar os limites pedagógicos, fica uma indagação: quais seriam os limites pedagógicos? A leitura, a escrita, a contação de história ou o escutar a história envolve a corporeidade, portanto, esse é um tema que ainda precisa ser trabalhado melhor na formação docente, para que os professores não precisem ficar preocupados em “sair” das habilidades que devem ser trabalhadas na sala de aula.

Em seguida foi questionado sobre a forma que o/a professor /a lida com o fato de que o aluno/a é bastante ativo em sala de aula e por isso estudar sentado, acaba se tornando incômodo para eles. Os **Professores A e B** corroboram com o fato de que as potencialidades de cada aluno devem ser aproveitadas da melhor forma possível, sendo que o fato de o/a aluno/a não ficar quieto na cadeira escolar, não deve ser dado como um problema, mas sim, como algo que deve beneficiar o aluno, para o qual se faz necessário o uso de ferramentas pedagógicas apropriadas. Assim sendo, “na infância o corpo em movimento enriquece as significações do aprender, pois as crianças manifestam corporalmente suas concepções, desejos, ideias, emoções e pensamentos” (GUALBERTO, 2017, p. 77).

Ainda nesse contexto, os professores também concordam que é importante que o aluno seja avaliado por especialistas para a verificação de que possa haver ou não a necessidade de alguma atenção mais específica. Portanto, aqui está mais uma prova de que é preciso muita

atenção nas expressões do corpo. Sendo assim, Gualberto nos lembra de que:

[...] as propostas e práticas pedagógicas devem considerar a criança como o centro do planejamento curricular, respeitando ritmos, desejos e potencialidades, criando oportunidades para a produção do conhecimento, uma vez que a criança é sujeito histórico e de direitos, que por meio das relações cotidianas produz sentidos e cultura. Além disso, é preciso considerar o desenvolvimento dos aspectos físico, psicológico, intelectual e social do ser humano (GUALBERTO, 2017, p. 16).

Assim fica claro que o professor, juntamente com a instituição de ensino onde atua, é responsável por incluir todos os alunos de forma que seu planejamento considere o todo, o corpo, o que pode ser visto em movimento e os que se movimenta na subjetividade, nos olhares, nos afetos, na forma de ser e está. “Nesse sentido, considera-se que o corpo desenvolve uma linguagem (ou linguagens) própria” (TOLEDO, 2018, p. 18). Ainda nessa ótica, para Toledo (2018, p. 18), “o corpo é fator de interação, de relação e, consequentemente, de aprendizagem”.

Entretanto, o **Professor C** tem outro ponto de vista sobre esse assunto. Ele revela que tais alunos “acabam dificultando o trabalho do professor no processo de ensino e aprendizagem” e também sugere que esse tipo de comportamento seria falha na educação desses alunos por parte dos seus genitores. Diante disso, é essencial lembrar que esse tipo de abordagem sobre o aluno pode ser problemática, pois, se for compreendida de forma negativa poderá ocasionar baixa autoestima. “O desenvolvimento da autoestima possibilita ao aluno acreditar em si mesmo e em suas capacidades, tornando sua prática positiva, importante e significativa para sua formação” (LEONARDI, GALATTI, *et al.*, 2014, p. 53-54).

Diante dessa afirmativa, faz mister lembrar, que mesmo a criança trazendo referência de suas famílias, na forma de estar no mundo, ela constrói o seu mundo, nele há diferentes formas de agir e que não pode ser julgado simplesmente como culpa dos pais, o que demanda conhecer os alunos em suas manifestações, em seus desejos, uma vez que existem muitos padrões estabelecidos para o ser criança, adolescente, jovem... Na escola, cabe ao docente investigar os comportamentos apresentados e a partir deles envolver-se e envolver seus alunos/as para que usem a sua corporeidade, os seus movimentos em favor de suas aprendizagens.

Dando continuidade à entrevista, se pretendeu saber quais, entre os componentes curriculares trabalhados pelos professores, são atividades que fazem uso do corpo – movimentos, jogos gesto, som, mimica. Com relação a esse questionamento, o **Professor A** comentou que “todas as atividades contribuem para a valorização do corpo, desenvolvendo-o

de forma que possa aprimorar cada vez mais suas capacidades de evolução e descobrimento do mundo ao qual faz parte”, mas esclarece sentir que seu trabalho não é valorizado pela instituição onde atua.

Diante disso, não custa lembrar que segundo Brasil (2017) toda criança tem o direito de aprender e desenvolver-se plenamente. Sendo assim, a convivência com outras pessoas, as brincadeiras diversas cotidianas, a participação em cada um dos momentos na escola e na sociedade onde se relaciona de forma a usufruindo dos resultados, explorar o mundo, expressar-se de forma livre, conhecer-se e construir sua identidade pessoal, são essenciais para seu desenvolvimento e valorização de todas as suas potencialidades em contribuição para que se viva da melhor forma possível.

Essa “desvalorização” é resultado de um ensino ainda baseado no tradicional, que mantém a ideia de que o/a aluno/a ao chegar na escola, deve vir para apenas ouvir, sentar-se e escrever de forma silenciosa, onde a sua presença é praticamente ignorada, valendo apenas como número a ser considerado na sala de aula, contrariando todas as teorias que veem a educação formal como instrumentador para a inserção da pessoa em processos de socialização, intervenção e construção de conhecimentos de forma mediada, tal como propõe, tanto a Psicogenética de Jean Piaget, o Interacionismo de Vygotsky e principalmente, H. Wallon em sua teoria de que a formação deve ser da pessoa completa e concreta.

A **Professora B** relata que todas as suas atividades pedagógicas são sempre organizadas de forma a beneficiar o aluno. E que na instituição existe um planejamento semestral que se utiliza como base. Nesse sentido, também esclarece que “as atividades como teatro, músicas, dança, contação de história fazem parte desses componentes curriculares trabalhados”. Diante da fala desta professora, é importante destacar que quando o corpo é visto em sua totalidade, se entende que em todas as atividades se está fazendo o uso do corpo e não tentando controlá-lo. Portanto, deve-se considerar que:

Há conteúdos e valores importantes para serem ensinados nas escolas, mas estes não podem ser a única base para o ensino, sob o risco de educarmos alunos passivos, sem consciência política, sem autonomia. Há que se reconhecer a existência de diferentes culturas, políticas e práticas, que por suas particularidades não deixam de ter sua importância e seu valor (TOLEDO, 2018, p. 28).

Nesse contexto, fica claro na citação acima que as atividades que fazem uso do corpo não devem ser elaboradas ou idealizadas como sendo apenas “brincadeiras que facilitam o trabalho do professor” enfatizado pelo **Professor C**; entretanto, o ato de brincar não deve ser considerado como uma forma de o corpo usar sua energia acumulada, mas, que essa energia

seja entendida como uma oportunidade para de se alcançar a aprendizagem. Contudo, Brasil (2017, p. 41), dissemina que:

[...] a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.).

De acordo com Bomtempo (2000, p.67), tendo como referência Vygotsky, “as crianças são capazes de lidar com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda”; portanto, ao brincar, o/a aluno/a movimenta as suas experiências subjetivas, para além do que é visto nos movimentos corporais, quando corre, pula, dança ou faz qualquer outra atividade desta natureza.

Diante das discussões sobre o corpo, também se investigou sobre quando o corpo pode ser considerado pelos professores como um instrumento de comunicação. Em resposta, o **Professor A**, disse:

A partir da observação sobre o corpo nós podemos detectar muitos fatores sem mesmo necessitar falar com a criança e assim buscar formas de solucionar um problema caso ele seja detectado... Através da observação sobre o corpo podemos perceber como a criança se encontra emocionalmente, se a criança pode está sofrendo algum tipo de abuso, se a criança está se alimentando adequadamente ou existe algo que precise de mais atenção, entre outras questões (PROFESSOR A, entrevista em 2021).

Seguindo a mesma lógica, a **Professora B** esclarece que “a linguagem corporal é essencial para o desenvolvimento e socialização... o corpo fala por si só... observando o corpo podemos perceber a criança de uma forma mais consistente e abrangente”. Compartilhando da mesma linha, o **Professor C** esclarece que “coisas boas ou ruins podem ser detectadas ao se observar o corpo... saber fazer a leitura do corpo é importantíssimo quando se trabalha na educação infantil”. Essa forma de pensar o corpo é ratificada nos estudos de Gualberto (2017), quando afirma:

É por meio do corpo que os indivíduos se expressam, se comunicam com os outros e percebem o mundo ao seu redor, e através das experiências vividas constituem-se como sujeitos, ampliam a maneira de pensar, sentir e agir diante da visão de corpo integrado na totalidade humana. A corporeidade cumpre um papel signficante na formação humana, no sentido de buscar conhecer, perceber, viver e interpretar a existência. (GUALBERTO, 2017, p. 27).

Também investigamos os professores sobre o fato de o nosso corpo trazer marcas sociais e históricas. O **Professor A** lembrou que “até hoje temos muitos preconceitos histórico-sociais sobre o corpo, por incrível que parece o corpo ainda é visto como algo negativo” e que também ocorre “uma espécie de culto ao corpo acaba por influenciar e dificultar no seu desenvolvimento e aceitação”. Dessa forma, Nobrega (2005, p.610) lembra que “Nosso corpo traz marcas sociais e históricas, portanto questões culturais, questões de gênero, de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo”.

Para a **Professora B** “desde o início da vida em sociedade o corpo é marginalizado como sendo algo simplesmente sensual e isso faz com que seja muito difícil trabalhar o corpo de forma mais eficiente em que se potencializem todas as suas vertentes e significatividade”. Isso tem fundamento, pois Gualberto ressalta que:

O homem é produto da evolução histórica e cultural do mundo. Nesse processo de formação, o corpo passou por mudanças e adaptações em todas as dimensões, sejam estas biológicas, intelectuais, afetivas, morais e sociais. O homem era desprovido da linguagem e, com o passar dos tempos, apropriou-se das palavras e suas significações, criando novas aptidões e funções psíquicas para viver em sociedade. (GUALBERTO, 2017, p. 25).

Em harmonia com o autor da citação acima, o **Professor C** concorda que o fator histórico contribui para a aprovação ou não aceitação a respeito do corpo. Ele também acrescenta que “o corpo é a principal base do conhecimento de mundo e o preconceito sobre o corpo vem sendo bastante prejudicial na formação e desenvolvimento da humanidade”. Nesse sentido é preciso estar atento na escola, para que preconceitos não se repitam, para que sejam desconstruídos, afinal, a escola do século XXI deve estar preparada para formar para que as pessoas reconheçam a diversidade como fator de riqueza humana, portanto, o respeito deve ser a palavra de ordem nesse contexto.

Para fechar a entrevista, se perguntou aos professores sobre quem seria na escola o responsável em trabalhar a corporeidade. O **Professor A** esclarece que “na verdade todos deveriam ser responsáveis, mas dificilmente isso acontece... o corpo ainda é desvalorizado, por desconhecimento ou por negligência profissional”. Assim, a professora continua sua fala reconhecendo a importância do corpo e afirma que essa desvalorização “afeta diretamente no futuro”. Também se responsabiliza por trabalhar a corporeidade, pois, “o que está em jogo é o melhor desenvolvimento da criança em seu todo e não somente no aspecto físico”.

A **Professora B** compreende que:

O corpo deve ser pensado em sua integralidade... escuto muitos colegas dizendo que o corpo é responsabilidade dos professores de arte, educação física etc., mas ao meu entender isso é errado pois corpo e mente devem ser trabalhados em conjunto e por todos os profissionais que tem o desejo e o profissionalismo de propiciar o melhor desenvolvimento da criança (PROFESSORA B, entrevista em 2021).

Já para o **Professor C**, “o responsável por trabalhar a corporeidade são todos os profissionais que trabalham diretamente com as crianças, mas geralmente o corpo é mais trabalhado nas aulas de educação física e nas aulas de arte”. Contudo, “o corpo vem sendo tratado como uma soma de partes, as quais podem ser compreendidas isoladamente. Tal concepção de corpo perdura até hoje” (FREIRE e DANTAS, 2012, p. 150). Nessa perspectiva é preciso lembrar que,

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer (NÓBREGA, 2005, p. 610).

Diante disso, é possível afirmar que mesmo com as constantes mudanças sociais, com todos os avanços em que se tem muito mais respeito e reconhecimento sobre a importância do corpo para a educação não estamos nem perto do que seria o ideal, pois, tudo ainda é pouco comparado ao desenvolvimento que se pode obter ao se trabalhar a corporeidade. Portanto, “A educação torna-se uma força transformadora no projeto de humanização e emancipação do homem, focalizando como ponto central a corporeidade”. (FREIRE e DANTAS, 2012, p. 156). Por fim, é preciso que todos façam sua parte em prol de maiores êxitos na educação.

Diante de todos os conhecimentos obtidos através dos relatos dos professores entrevistados é possível constatar que ainda há muita dificuldade por parte dos mesmos em saber diferenciar corpo e corporeidade e isso se torna um problema quando se pensa no fazer pedagógico devido à importância que o corpo e sua corporeidade têm para a educação. Quando se desconhece algo que pode beneficiar o processo de ensino e da aprendizagem, muito se é perdido. Contudo, aprender com as dificuldades, considerar a corporeidade como vertente educacional e utilizar-se de todas as possibilidades didáticas disponíveis é sempre favorável para uma possível educação de qualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre os principais fatores que estão relacionados com as vantagens do ato de se trabalhar corporeidade na educação infantil. Assim como, foi possível identificar qual o olhar dos professores sobre o corpo, entender de forma mais abrangente e significativa sobre as dificuldades de se trabalhar o corpo pedagogicamente e destacar a importância de se trabalhar a corporeidade na educação.

De um modo geral, mesmo a pesquisa bibliográfica revelando a importância do corpo para a educação, os professores demonstraram desinteresse em trabalhar o corpo em sala de aula e buscar meios para estarem possibilitando seu melhor desenvolvimento. Possuem algumas dificuldades em diferenciar o que é corpo e corporeidade, utilizam métodos tradicionais para tentar assumir o controle do aluno inquieto, mas, mesmo com suas dificuldades tentam estimular o interesse dos alunos utilizando os poucos recursos oferecidos pela escola. A maioria dos professores utiliza recursos didáticos em suas aulas que trabalham a corporeidade, mas, a falta de apoio da escola, o pouco tempo para se executar algumas atividades acabam limitando o uso do corpo na escola e isso promove o distanciamento do corpo na educação.

Os professores também demonstraram interesse em buscar conhecer mais sobre o tema e aperfeiçoamento continuado sobre a importância do corpo e sua corporeidade para o melhor desenvolvimento educacional infantil. Diante, das falas dos professores se pode alcançar os objetivos propostos e contribuíram para um melhor conhecimento sobre o assunto.

As bibliografias consultadas conseguiram fundamentar com muita consistência e expressividade sobre o tema de forma que se pode conhecer mais sobre a maneira que o corpo foi e é compreendido. Já as entrevistas diretas e presenciais reforçaram a importância do corpo para a aprendizagem, pois não foram somente as vozes dos professores que ensinaram o que se pesquisava, mas sim, todas as expressões contidas em suas falas. Contudo, através das entrevistas foram obtidas informações bastante consistentes que contribuíram para enriquecer esta pesquisa.

Dada à importância do tema, se faz necessário o desenvolvimento de projetos que visem à formação continuada dos professores, que possam desencadear competências e habilidades para garantir um ensino de maior qualidade, que atendam as diferentes necessidades dos alunos e, assim, efetivar uma prática pedagógica diferenciada. Diante disso, é preciso que todos estejam dispostos em trabalhar o corpo de forma individual, mas em

benefício coletivo.

Nesse sentido, as principais vantagens do ato de se trabalhar corporeidade na educação infantil são, além de se possibilitar maior chance de alcance dos objetivos educacionais, de desenvolvimento integral das crianças, também se tem como cenário um futuro melhor. Sendo assim, o corpo e sua corporeidade devem ser considerados como de grande importância para se trabalhar o processo de ensino e aprendizagem.

O referido estudo aponta que mesmo a pesquisa bibliográfica revelando a importância do corpo para a educação, alguns professores ainda percebem que esse é um trabalho direcionado a arte ou a educação física, há dificuldades em trabalhar o corpo em sala de aula e buscar meios para estarem possibilitando seu melhor desenvolvimento, pois, não se tem a compreensão da diferença entre o que é corpo e a corporeidade. Portanto, conclui-se que na Educação Infantil, o corpo, não está sendo pensado como sendo um elemento de comunicação, desenvolvimento e consequentemente de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

FERRAZ, O. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade a questão da pré-escola. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, n. 20, p. 16-22, 1996. ISSN 613.707. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139639>. Acesso em: 04 jan. 2022.

FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H. D. A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. **HOLOS**, Natal, v. 4, p. 148-157, 2012. ISSN 1518-1634. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481549278012>. Acesso em: 22 dez. 2021.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995. 135 p.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.

GOULART, I.B. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 18ª. ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 2001.

GUALBERTO, M. L. C. **A manifestação da corporeidade nas práticas pedagógicas dos professores de educação infantil em escolas públicas e privadas de Santarém-Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, UFOPA, Santarém, 2017. 146 p.

JOÃO, R. B.; BRITO, M. D. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 18, p. 263-272, jul./set. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16567>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LEONARDI, T. J. et al. Pedagogia do Esporte: indicativos para o desenvolvimento do indivíduo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58, agosto 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270587482_PEDAGOGIA_DO_ESPORTE_INDICATIVOS_PARA_O_DESENVOLVIMENTO_INTEGRAL_DO_INDIVIDUO_PEDAGOGY_OF_SPORT_INDICATED_FOR_THE_FULL_DEVELOPMENT_OF_INDIVIDUAL. Acesso em: 22 dez. 2021.

LÓPEZ-LÓPEZ, M. A.; GALDINO, G. R. A potência do corpo e da corporeidade nas práticas e vivências educativas. **Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 129-140, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riac/article/view/45830/32166>. Acesso em: 02 jan. 2022.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 322 p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NÓBREGA, T. P. D. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, mai-agos 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313716015>. Acesso em: 03 jan. 2022.

SANTOS, J. A.; FILHO, D. P. **Metodologia científica**. 2ª. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 251 p.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOLEDO, M. D. S. O corpo como lugar de exclusão e inclusão na escola. **RevistAleph**, n. 31, p. 16, Dez 2018. ISSN 1807-6211. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39270/22707>. Acesso em: 06 jan. 2022.